

ESPORTES

ELIMINATÓRIAS No superclássico, Argentina tem time com mais referências. Brasil ainda busca nomes em várias posições

Uns com tanto, outros com pouco

DANILO QUEIROZ
VICTOR PARRINI

Naturalmente, um clássico tem em si a característica de ser um duelo de opostos. No entanto, o encontro entre Brasil e Argentina, às 21h30, no Maracanã, pelas Eliminatórias Sul-Americanas, tem na mistura um ingrediente extra para apimentar a diferença entre os dois rivais. Enquanto os hermanos vão entrar em campo com uma seleção repleta de convicções e referências, os brasileiros jogam a partida mais importante até aqui da seletiva para a Copa do Mundo de 2026 com várias posições em disputa aberta e sem nomes carregando o status de incontestáveis.

Os times titulares preparados pelos técnicos Fernando Diniz e Lionel Scaloni deixa claro tal nuance do jogo. Nas próprias pranchetas, inclusive, a questão é evidenciada. O Brasil convive com um treinador interino a espera da provável chegada do italiano Carlo Ancelotti para iniciar, de fato, um novo ciclo em busca do hexacampeonato mundial. Até 2026, serão dois métodos de trabalhos distintos. A Argentina até viveu tal situação com Scaloni antes do título de 2022. Porém, o sonho do tetra será guiado por um comandante de métodos consolidados.

A zona ofensiva do superclássico demonstra a presença de consolidação de um lado e a falta do outro. Liderada pelo astro Lionel Messi, a Argentina tem outros três campeões mundiais como opção: Julián Álvarez, Lautaro Martínez e Dybala. Com

Jolison Marconne/CBF



Vários jogadores da Seleção apostam no clássico contra os hermanos para ganharem pontos na tentativa de se transformarem em referência

exceção do camisa 10, todos têm idade para ampliar a força na seleção até 2026. O Brasil não conta nem mesmo com o único fora de série da atual geração. Além de Neymar lesionado, a equipe lida com a busca incessante por um dono para a carente posição de artilheiro. Do elenco disponível, Rodrygo e Gabriel Jesus até

têm experiência com a Amarelinha. Porém, ainda pavimentam o caminho para virarem lideranças técnicas. Os demais lutam por um lugar ao sol.

O mesmo panorama é visto no meio de campo das duas equipes. Peças como De Paul, Enzo Fernandez, Mac Allister, Di Maria e Paredes consolidam o estilo

de jogo sob a confiança de Scaloni. No setor, o Brasil tem outra ausência importante: o suspenso Casemiro. André e Bruno Guimarães são ótimos valores e lideram o trabalho de renovação visando o futuro e, principalmente, a Copa do Mundo de 2026, mas, em termos de experiência na seleção, ainda surgem em patamar

abaixo ao alcançado pelos argentinos nos últimos anos de convocações.

Se há um equilíbrio na comparação, ela estará na parte defensiva do gramado do Maracanã. No gol, Alisson tem mais tempo e liderança quando comparado a Dibu Martínez. Os zagueiros à disposição dos dois

técnicos também ostentam patamares parecidos, principalmente o brasileiro Marquinhos e o argentino Romero. Nas laterais, o Brasil vive um grande processo de renovação. Carlos Augusto, por exemplo, ainda é uma aposta de Diniz, enquanto Scaloni tem a confiança de contar com quatro campeões mundiais na posição.

Reviravolta

Brasil e Argentina voltam a medir forças no Maracanã após pouco mais de dois anos em quatro meses. E esse período traz consigo uma inversão de valores entre os rivais do superclássico. Em 10 de julho de 2021, as equipes decidiram a Copa América no Rio de Janeiro. Naquela altura, os hermanos convíviam com o peso de 28 anos sem a conquista de títulos relevantes. Ainda com Tite, os brasileiros contavam com um trabalho duradouro e com boas perspectivas visando a Copa do Mundo de 2022.

O ciclo foi rompido com o título argentino. Lionel Scaloni ganhou força e ampliou a moral ao comandar a caminhada dos hermanos até o tricampeonato na Copa do Mundo do Catar. Com o vice da Copa América e a queda nas quartas de final do Mundial, o Brasil optou por recomeçar o projeto. No encontro de hoje, a seleção alviceleste chega à frente no quesito de consolidação, continuidade e confiança no trabalho construído nos últimos anos. Na Amarelinha, resta a esperança do clássico gerar fôlego para novas lideranças surgirem.

Carl de Souza/AFP



Clássico é o maior desafio de Diniz no curto ciclo com a Seleção

Fotos: Sofascore



Distribuição tática do Brasil na teoria e na prática com o estilo aposicional de Diniz contra a Colômbia



lo Ancelotti em 2024.

Mas é possível ver o dedo de Diniz na Seleção em cinco jogos. O primeiro ponto é a saída de bola curta. O que Fábio faz no Flu, Ederson e Alisson são preparados a fazer. Eles participam da transição da defesa para o ataque. A explicação é simples: atrair a marcação, quebrar as linhas e sair em direção ao campo adversário com superioridade.

A criação, porém, tem sido o problema. Se a missão de ameaçar era complicada com Neymar, imagine sem. Nos quatro primeiros compromissos, Diniz ensaiou um 4-2-3-1 que depois some do papel. Contra a Colômbia, adotou uma espécie de 4-4-2 com muitos pés, mas sem nenhuma cabeça capaz de pensar o jogo. André e Bruno Guimarães não foram eficientes. Coube aos perninhas rápidas Vini Jr., Rodrygo, Martinelli e Raphinha tentar resolver a parada. Sem sucesso.

Ao final dos jogos contra Uruguai e Colômbia fica difícil decidir o que é o Brasil (veja nas imagens ao lado). E a missão de hoje pode oferecer muito mais perigo que as anteriores. A Argentina é uma das orquestras mais afinadas do continente. A filosofia na qual todos reconhecem as funções e oferecem linearidade e padrão de jogo tem sido o trunfo. Em todas as partidas das Eliminatórias Scaloni utilizou o 4-3-3. A grande alteração tem sido Messi. Quando não é poupado, o craque funciona como um ponta-direita que costuma cair para o centro. Isso faz com que o camisa 10 seja "abraçado" pelos companheiros. O meio de campo com três homens oferece mais opções para que a bola chegue no camisa 10 e compensa a não recomposição defensiva dele.

Juan Mabromata/AFP



Ex-auxiliar de Sampaoli, Scaloni treina a Argentina há 1.937 dias



Mapa de jogo argentino antes e durante o clássico contra o Uruguai reforça o respeito ao 4-3-3 de Scaloni

EURO-2024

A Itália assegurou a vaga na Eurocopa-2024 ao empatar sem gols no duelo direto com a Ucrânia. Hoje, às 16h45, Holanda e Croácia buscam a confirmação da presença no torneio. A Laranja Mecânica encara Gibraltar, enquanto os algozes do Brasil na Copa de 2022 recebem a Armênia.

COPA AMÉRICA

A Conmebol anunciou os estádios da abertura e da final da Copa América do próximo ano. O Mercedes-Benz Stadium, em Atlanta, abrirá os trabalhos do torneio, em 20 junho. O Hard Rock Stadium, em Miami, receberá decisão em 14 de julho.

MUNDIAL SUB-17

A Seleção Brasileira está classificada para as quartas de final do Mundial sub-17. Ontem, a Amarelinha venceu o Equador por 3 x 1 e manteve vivo o sonho do pentacampeonato da categoria. O adversário por vaga na semifinal será Argentina ou Venezuela.

BOTAFOGO

A apresentação de Tiago Nunes no Botafogo será hoje, no Estádio Nilton Santos. O treinador, contratado para a reta final do Brasileirão, com o clube na busca pelo título, concederá entrevista de imprensa às 15h, com transmissão da Botafogo TV.

COPINHA

A Federação Paulista de Futebol (FPF) marcou para amanhã o sorteio dos grupos da Copa São Paulo de Futebol Júnior de 2024. O evento será às 19h, com transmissão no YouTube. Gama e Capital vão representar o Distrito Federal na Copinha.

VÔLEI

Único representante do Distrito Federal na Superliga Feminina, o Brasília Vôlei segue sem vitórias após três rodadas. Ontem, a equipe verde da capital visitou o atual campeão Praia Clube e foi derrotada por 3 sets a 0. O time volta à quadra no dia 27, contra o Bluvôlei.